

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Gabriela Loíse de Oliveira

**O ENSINO DOS VERBOS TRANSITIVOS NOS LIVROS
DIDÁTICOS**

Taubaté - SP

2020

Gabriela Loíse de Oliveira

**O ENSINO DOS VERBOS TRANSITIVOS NOS LIVROS
DIDÁTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a graduação em
Letras, pela Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo Souza
de Almeida

Taubaté - SP

2020

SIBi - Sistema Integrado de Bibliotecas – UNITAU

O48e Oliveira, Gabriela Loíse de
O ensino dos verbos transitivos nos livros didáticos / Gabriela
Loíse de Oliveira. -- 2020.
33 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida,
Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Ensino gramatical. 2. Transitividade verbal. 3. Livros didáticos
I. Título.

CDD – 469.507

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Gabriela Loíse de Oliveira
O ENSINO DOS VERBOS TRANSITIVOS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a graduação em
Letras, pela Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Carmo
Souza de Almeida

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a.: Maria do Carmo Souza de Almeida

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Assinatura: _____

Professora Ma.: Andréia Alda Valério

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a minha mãe Adriana, por todos ensinamentos, incentivos, orações e por ser minha maior inspiração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir viver esse momento tão sonhado.

À minha orientadora e Prof. Maria do Carmo, por dividir comigo seus conhecimentos e por toda paciência em me orientar.

As professoras Andreia Alda e Marcia Pacheco, pela participação na Banca de Defesa.

A toda minha família que nunca deixou de me apoiar nesse sonho.

A todos que de alguma forma fizeram parte dessa trajetória e não me deixaram desistir até chegar aqui, em especial o Edu, Vanessa, Nayra, Mari e Marilise.

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

Do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade)

RESUMO

O tema do presente estudo é o ensino da transitividade verbal em livros didáticos. O que motivou esta pesquisa foi o questionamento de alunos do Ensino Fundamental sobre a utilidade prática do ensino gramatical e a necessidade de refletir acerca de como conteúdos gramaticais complexos são trabalhados em livros didáticos. Logo, objetivo o geral foi analisar como dois livros didáticos do 7º ano do Ensino Fundamental abordam o ensino da transitividade verbal. Temos ainda os seguintes objetivos específicos: conceituar o que é gramática normativa, descritiva e contextualizada; e apresentar o conceito de transitividade verbal a partir da gramática normativa. A pesquisa é de natureza bibliográfica, com fundamentação teórica em Irlandé Antunes (2003 e 2014), sobre a gramática contextualizada, e em Cegalla (2005) e Cunha e Cintra (2000) sobre transitividade verbal nas gramáticas normativas. Os resultados das análises dos livros didáticos mostram que o ensino da transitividade verbal, mesmo tendo gêneros textuais como base, não é pensado tendo como base a gramática contextualizada. Pode-se concluir que o aprendizado do aluno sobre a transitividade verbal fica defasado se o professor, para ensinar tópicos gramaticais, basear-se apenas nesses materiais didáticos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino gramatical. Transitividade verbal. Livros didáticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 O que é gramática?	10
1.2 Conceituando gramática contextualizada.....	11
1.3 Predicado e transitividade verbal de acordo com a norma padrão	13
2 CAPÍTULO 2: ANÁLISE DA TRANSITIVIDADE VERBAL NOS LIVROS DIDÁTICOS	
2.1 O <i>corpus</i> da pesquisa: o ensino da transitividade verbal nos livros didáticos.....	19
2.2 A transitividade verbal na coleção didática <i>Português Linguagens</i> (2017)	19
2.3 A transitividade verbal na coleção didática <i>Se liga na língua: leitura, produção e linguagem</i> (2018)	24
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa é o ensino da transitividade verbal no Ensino Fundamental, nos anos iniciais. Acreditamos ser importante pesquisar esse assunto porque concordamos com Irandé Antunes (2014) que enfatiza a importância da aprendizagem da língua como um meio de interação social. Ela faz uma crítica aos professores que enxergam o ensino da língua somente como uma concepção estruturalista, por entenderem que, para o ensino de Língua portuguesa, basta ensinar gramática ao aluno de forma totalmente descontextualizada utilizando-se de listas de exercícios ou frases soltas sem nenhum contexto. Além disso, fazem com que o aluno somente decore as nomenclaturas, ou seja, muitas vezes, os docentes não se preocupam com o histórico do estudante, sua linguagem de vida real, seu conhecimento prévio que fará parte de sua escrita, de seu texto.

O que motivou essa pesquisa foi o questionamento de alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental durante meu período como professora eventual na rede Municipal de Taubaté sobre a utilidade, na prática, do uso da gramática, eles queriam saber o porquê de estarem estudando aquilo. E eu de imediato não soube responder, e penso que essa seja uma dúvida principalmente para quem está iniciando a docência na área. Logo, acredito ser necessário uma discussão sobre o tópico.

Segundo a Base Nacional Curricular Comum (2017), a gramática normativa deve ser abordada durante todo o trajeto letivo do aluno, logicamente respeitando o ano da escolaridade, mas no Ensino Fundamental II é quando os alunos têm mais contato com diversos gêneros, e quando conhecem e produzem mais textos – orais ou escritos. Assim, é importante o “domínio” da gramática, para ajudá-los a entender quando será necessário o uso da norma padrão em situações de fala e escrita.

Alguns tópicos no ensino de gramática são mais complexos do que outros. Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como dois livros didáticos do 7º ano do Ensino Fundamental abordam o ensino da transitividade verbal. Temos ainda os seguintes objetivos específicos: conceituar o que é

gramática normativa, descritiva e contextualizada; e apresentar o conceito de transitividade verbal a partir da gramática normativa.

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica e tem como fundamentação teórica a transitividade verbal prescrita pela gramática normativa, segundo Cegala (2000) e Cunha e Cintra (2000), e a definição de gramática contextualizada segundo Antunes (2003, 2014).

O trabalho divide-se em dois capítulos. No primeiro, apresentamos os pressupostos teóricos sobre gramática, transitividade verbal e gramática contextualizada. No segundo, trazemos a análise dos livros didáticos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Em seguida, está a conclusão e as referências.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo compreende a fundamentação teórica da pesquisa e divide-se em três breves partes. A primeira apresenta o conceito de gramática e como ela é dividida. Em seguida, apresentaremos a definição de gramática contextualizada. Por fim, traremos uma síntese sobre predicado verbal e transitividade verbal de acordo com as gramáticas normativas escolhidas.

1.1 O que é gramática?

De acordo com Possenti (1996), o termo “gramática” pode ter vários sentidos. Para este trabalho interessa trazer dois: gramática normativa e descritiva.

A gramática normativa, segundo Travaglia (1997. p. 30), é aquela que estuda apenas os fatos da norma padrão de uma língua oficial e que;

Baseia-se em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua [...], a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita o idiomas, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua.

Assim, a gramática normativa, de acordo com os gramáticos, é um conjunto de regras que norteiam a fala e a escrita.

Ainda, segundo Travaglia (1997), é essa gramática, a normativa, que aprendemos na escola, cheia de regras e normas e está, em geral, também nos livros didáticos. É gramática normativa, com seu conjunto de regras, que aponta-nos qual a forma correta de usar a língua escrita ou oral, pois prioriza o uso da norma culta: aquela que mantém um padrão da nossa linguagem em sociedade e acabou se tornando a norma oficial. O grande problema do ensino dessa gramática na escola é que ela se confunde com o ensino de língua. Ou seja, é como se ensinar a língua fosse ensinar a gramática e como se existisse só um modo correto de falar e escrever desconsiderando-se a enorme diversidade linguística existente em país (POSSENTI, 1996).

Já a gramática descritiva, que orienta o trabalho dos linguistas, tem como objetivo descrever o funcionamento e a estrutura de um sistema linguístico qualquer. Ela tem como objetivo “explicar as línguas tais como são faladas” (POSSENTI, 1996, p.63). Ela considera as diversas variantes da língua, dando preferência aos estudos sobre a oralidade – considerada a língua viva, em uso – para executar essa descrição.

Assim, para Antunes (2003. p. 85), de um âmbito mais linguístico, gramática é “o conjunto de regras que especificam o funcionamento de uma língua”:

A gramática é um dos componentes de que se constitui uma língua. Um dos componentes, bem entendido. Não é o único e nem o mais importante. Forma, com o léxico, a matéria que se concretiza em produções verbais, que, são, na verdade, ações verbais. Tem fundamental importância. É necessária. (ANTUNES, 2014, p.24).

Conforme menciona autora, é necessário conhecer a gramática, mas, para ela, só o conhecimento gramatical não leva uma pessoa a falar e a escrever bem.

Finalizando esse tópico, vimos que a gramática normativa nos indica como a língua deve operar; e a gramática descritiva nos explica como uma determinada língua se organiza. Há ainda um terceiro sentido de gramática que nos interessa mencionar aqui: a gramática contextualizada, assunto da próxima seção.

1.2 Conceituando gramática contextualizada

Agora que já aprendemos sobre os dois tipos de gramática – normativa e descritiva – e o porquê de seu ensino ser fundamental, nesta seção vamos conceituar o que é gramática contextualizada.

Gramática contextualizada é o ensino da gramática a partir da realidade do aluno, um ensino que não prioriza somente o estudo de nomenclatura gramatical, mas sim o estudo e a análise de um texto em sua totalidade. Na gramática contextualizada, o questionamento é essencial, pois faz-se necessário relacionar o que diz a gramática com o seu uso no dia a dia. Como podemos ver no trecho seguinte:

Seria então uma perspectiva de estudo de fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do

componente gramatical do texto, tomando como referência de seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita. (ANTUNES, 2014, p 46.).

Dessa forma, o ensino da gramática contextualizada pretende levar o aluno a entender o contexto de produção da fala e da escrita, isto é, que ele entenda o que está envolvido no momento da interação. Quer que o estudante compreenda

como itens gramaticais – de qualquer ordem – concorrem para a significação (macro ou microestrutural) do texto; que efeitos de sentido provocam; que funções desempenham; por que acontecem e como acontecem; nessa ou naquela posição; a que pretensões comunicativas respondem e outros aspectos, sempre, vinculados à condição de que estão presentes no texto por conta de alguma função ou de algum efeito de sentido. (ANTUNES, 2014, p.46).

O ensino contextualizado da gramática tem a intenção de que o aluno possa levar para a vida o que aprende em sala de aula, a fim de aplicar o aprendido na prática do dia a dia. Para isso, ele precisa de uma escola que o conheça, que se preocupe com ele e que o possibilite estabelecer significado, na vida dele, de seu aprendizado em sala de aula.

De acordo com o exposto por Antunes (2014), é importante que os professores de línguas ressignifiquem o que é ensinar gramática. Isso significa deixar de abordar somente o que está escrito nos livros e criar também exercícios que façam sentido para os alunos, utilizando textos e abordando situações reais de usos da língua. O docente necessita entender um pouco da visão de mundo do seu aluno e do que ele já tem de conhecimento prévio e levar isso em consideração para a elaboração das atividades. Sair somente do certo ou errado. Algo que muitas vezes constrange o aluno. A aula de Língua portuguesa deve ser um espaço para produção de fala, escrita, leitura e principalmente produção de textos, para que sirva como reflexão sobre a linguagem dos indivíduos.

Sabemos que a gramática existe para o melhor entendimento e produção de textos, por isso ela deve auxiliar no funcionamento da língua e não isolar certos falantes. Quando a gramática é ensinada tendo o texto como objeto de estudo, primeiro acontece a análise e a compreensão do texto, e só depois são acionadas

as noções gramaticais necessárias. Logo, o processo do estudo da gramática deve ter como base o texto, sem trabalhar frases isoladas do texto, mas considerando todos os aspectos do texto e seus usos na vida em sociedade.

Tendo em vista o objetivo geral deste trabalho, na próxima seção veremos o conceito de transitividade verbal.

1.3 Predicado e transitividade verbal de acordo com a norma padrão

Esta seção apresenta as prescrições da gramática normativa a respeito do predicado e transitividade verbal. As gramáticas normativas selecionadas para essa pesquisa foram de Cunha e Cintra (2000) e Cegalla (2005) porque esses autores são alguns dos protagonistas sobre o ensino de gramática normativa do português no Brasil. Após análise das duas gramáticas, percebemos que Cunha e Cintra (2000) são mais detalhados no tratamento do tema pesquisado.

A princípio, apresentaremos a definição de predicado verbal para cada um dos autores utilizados.

Cunha e Cintra (2000) e Cegalla (2005) têm definições semelhantes do que seja predicação verbal. Para Cegalla (2005, p. 335), “Chama-se predicação verbal o modo pelo qual o verbo forma o predicado”. Já para Cunha e Cintra (2000, p.100), “predicado verbal é identificado como aquele que tem núcleo, ou seja, como um elemento principal da declaração que se faz do sujeito”.

Segundo os autores supracitados, os verbos podem ser divididos em predicação completa, denominados intransitivos e em predicação incompleta denominados transitivos. E ainda os verbos transitivos subdividem-se em: transitivos direto, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos (bitransitivos). Os quadros a seguir apresentam essas divisões e subdivisões do predicado verbal, conforme o detalhamento de cada um dos autores. Vejamos:

Quadro 1: Predicado verbal

PREDICADO VERBAL	<p>O PREDICADO VERBAL tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO.</p> <p>VERBOS SIGNIFICATIVOS são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito. Podem ser INTRANSITIVOS e TRANSITIVOS.</p>
-------------------------	---

Fonte: Cunha e Cintra (2000).

Quadro 2: Transitividade verbal

VERBOS INTRANSITIVOS	<p>Verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais <i>sobe</i> e <i>desce</i>. Tais verbos são, pois, INTRANSITIVOS, ou seja, não TRANSITIVOS: a ação não vai além do verbo.</p> <p>Sobe a névoa... A sombra desce... (PC, 281.)</p>
VERBOS TRANSITIVOS	<p>Vemos que as formas verbais <i>agradece</i> e <i>dou</i> exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome <i>me</i> na primeira oração, o pronome <i>lhe</i> e o substantivo <i>tempo</i> na segunda), estes verbos chamam-se TRANSITIVOS.</p> <p>Os verbos TRANSITIVOS podem ser DIRETOS, INDIRETOS, OU DIRETOS E INDIRETOS ao mesmo tempo.</p> <p>Ele não me agradece, / nem eu lhe dou tempo. (X, 41.)</p>
VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS	<p>A ação expressa por <i>vou ver</i> e <i>invejava</i> transmite-se a outros elementos (o doente e os homens) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. SÃO, por isso, chamados VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de OBJETO DIRETO.</p> <p>Vou ver o doente. (OM, 206.)</p> <p>Ela inveja os homens. (OM, 207.)</p>
VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS	<p>A ação expressa por <i>assistiam</i> e <i>perdoem</i> transita para outros elementos da oração (a <i>cena</i> e o <i>pobre tolo</i>) indiretamente, isto é, por meio da preposição <i>a</i>. Tais verbos são, por conseguinte, TRANSITIVOS INDIRETOS. O termo da oração que completa o sentido de um verbo TRANSITIVO INDIRETO denomina-se OBJETO INDIRETO.</p> <p>Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. (R. de Queirós, TR, 15.)</p> <p>Perdoem ao pobre tolo. (C. dos Anjos, DR, 235.)</p>

VERBOS SIMULTANEAMENTE TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS	<p>A ação expressa por deu e aconselho transita para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente OBJETO DIRETO e INDIRETO para completar lhes o sentido.</p> <p>O sucesso do seu gosto não deu paz ao Lomba. (M. Torga, NCM, 51.)</p> <p>Apenas lhe aconselho prudência. (C. de Oliveira, CD, 94.)</p>
<p>Observação: Seguimos aqui a distinção estabelecida pela Nomenclatura Gramatical Brasileira. Não é pacífica, ainda hoje, a conceituação de OBJETO INDIRETO, embora desse o século XVIII gramáticos, filólogos e linguistas tenham procurado precisa-la.</p>	

Fonte: Cunha e Cintra (2000).

Quadro 3: Predicação Verbal

PREDICAÇÃO VERBAL	Chama-se predicação verbal o modo pelo qual o verbo forma o predicado.
------------------------------	---

Fonte: Cegalla (2005).

Quadro 4: Transitividade verbal

VERBOS INTRANSITIVOS	<p>Há verbos que, por natureza, têm sentido completo, podendo, por si mesmos, constituir o predicado: são os verbos de predicação completa, denominados intransitivos. Exemplos:</p> <p>As flores murcharam. Os animais correm. As folhas caem.</p> <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um adjunto adverbial e mesmo de um predicativo (qualidade, característica): Fui cedo. Passeamos pela cidade. Cheguei atrasado. ✓ As orações formadas com verbos intransitivos não podem “transitar” (=passar) para a voz passiva. ✓ Verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos quando construídos com objeto direto ou indireto. “Inutilmente a minha alma chora.” (Cabral do Nascimento) “Depois me deitei e dormi um sono pesado.” (Luis Jardim) “Morrerás morte vil da mão de um forte.” (Gonçalves Dias)
VERBOS TRANSITIVOS	<p>Há outros verbos, pelo contrário, que para integrar o predicado necessitam de outros termos: são os verbos de predicação incompleta, denominados transitivos. Exemplos:</p> <p>João puxou a rede. “Não invejo os ricos, nem aspiro à riqueza.” (Oto Lara Resende) “Não simpatizava com as pessoas investidas no poder.” (Camilo Castelo Branco)</p> <p>Observe que, sem os seus complementos, os verbos puxou, invejo,</p>

	<p>aspiro não transmitiriam a informação completa: puxou o quê? Não invejo a quem? Não aspiro a quê?</p> <p>Os verbos de predicação completa denominam-se intransitivos e os de predicação incompleta, transitivos.</p> <p>Os verbos transitivos subdividem-se em:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transitivos diretos • Transitivos indiretos • Transitivos diretos e indiretos (bitransitivos)
DIRETO	<p>São os que pedem um objeto direto, isto é, um complemento sem preposição. Exemplos: Comprei um terreno e construí a casa. “Trabalho honesto produz riqueza honrada.” (Marquês de Maricá) “Simão Bacamarte não o contrariou.” (Machado de Assis)</p> <p>Dentre os verbos transitivos diretos merecem destaque os que forma o predicado verbo-nominal e se constroem com um complemento acompanhado de predicativo, como vimos no capítulo anterior.</p> <p>Exemplos: Consideramos o caso extraordinário. Inês trazia as mãos sempre limpas. Julgo Marcelo incapaz disso.</p> <p>Pertencem a esse grupo: julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, ter, fazer, tornar, encontrar, deixar, ver, coroar, sagrar, achar, etc.</p> <p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os verbos transitivos diretos, em geral, podem ser usados também na voz passiva. ✓ Outra característica desses verbos é a de poderem receber, como objeto direto, os pronomes o, a, os, as: convido-o, encontro-os, incomodo-a, conheço-as. ✓ Verbos transitivos diretos podem ser construídos acidentalmente, com preposição, a qual lhe acrescenta novo matiz semântico: arrancar da espada, puxar da faca, pegar de uma ferramenta. ✓ Alguns verbos transitivos diretos: abençoar, achar, acolher, avisar, abraçar, comprar, castigar, contrariar, convidar, desculpar, dizer, estimar, elogiar, entristecer, encontrar, ferir, imitar, levar, perseguir, prejudicar, receber, saudar, socorrer, ter, unir, ver, etc.
INDIRETOS	<p>São os que reclamam um complemento regido de preposição, chamado objeto indireto. Exemplos: “Ninguém perdoa ao quarentão que se apaixona por uma adolescente.” (Ciro dos Anjos) “Populares assistiam à cena aparentemente apáticos e neutros.” (Érico Veríssimo) “Lúcio não atinava com essa mudança instantânea.” (José Américo)</p> <p>Entre os verbos transitivos indiretos importa distinguir:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Os que constroem com os pronomes objetivos lhe, lhes. Em geral, são verbos que exigem a preposição a: agradar-lhe, agradeço-lhe, bate-lhe, sucede-lhe, valeu-lhe etc. b) Os que não admitem para objeto indireto de formas oblíquos lhe, lhes, construindo-se com pronomes retos precedidos de preposição: aludir a ele, depender dele, não ligara para ele, recorrer a ele, etc. <p>Principais verbos transitivos indiretos:</p> <p>abusar (de) aludir (a) assistir (a)</p>

	<p>Observações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Em princípio, verbos transitivos indiretos não comportam a forma passiva. Excetuam-se pagar, perdoar, obedecer, e poucos mais, usados também como transitivos diretos: João paga (perdoa, obedece) o médico. → O médico é pago (perdoado, obedecido) por João). ✓ Há verbos transitivos indiretos, como atirar, investir, contentar-se, etc., que admitem mais de uma preposição, sem mudança de sentido. Outros mudam de sentido com a troca de preposição, como nestes exemplos: Trate de sua vida. [tratar = cuidar] É desagradável tratar com gente grosseira. [tratar = lidar] ✓ Verbos como aspirar, assistir, dispor, servir, etc. variam de significação conforme sejam usados como transitivos diretos ou indiretos. <ul style="list-style-type: none"> • Transitivos diretos e indiretos <p>São os que se usam com dois objetos: um direto, outro indireto, concomitantemente. Exemplos: No inverno, Dona Clélia dava roupa aos pobres. A empresa fornece comida aos trabalhadores. Oferecemos flores à noiva.</p>
BITRANSITIVOS	Principais verbos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos): atirar, atribuir, dar, doar, ceder, apresentar, ofertar, oferecer, pedir, prometer, explicar, ensinar, proporcionar, perdoar, pagar, preferir, devolver, chamar, entregar, perguntar, informar, aconselhar, propor, prevenir, relatar, narrar.

Fonte: Cegalla (2005).

Há uma peculiaridade na gramática de Cunha e Cintra (2000), apresentado pelo título de variabilidade da predicação verbal. Eles afirmam que a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não de forma isolada. Sendo assim, um mesmo verbo pode ser empregado tanto como transitivo quanto como intransitivo. Seguem alguns exemplos comparativos (CUNHA; CINTRA, 2000, p.100):

Perdoai sempre.	= intransitivo
Perdoai as ofensas	= transitivo direto
Perdoai aos inimigos	= transitivo indireto
Perdoai as ofensas aos inimigos	= transitivo direto e indireto

Tendo por base o levantamento sobre a transitividade verbal na gramática normativa de Cegala (2005) e Cunha e Cintra (2000) utilizada para a fundamentação dessa seção, e a definição de gramática contextualizada proposto por Antunes

(2003, 2014), o capítulo a seguir traz a análise de como ocorre a abordagem da transitividade verbal nos livros didáticos selecionados para esta pesquisa.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DA TRANSITIVIDADE VERBAL NOS LIVROS DIDÁTICOS

Neste capítulo, trazemos o *corpus* da pesquisa constituído de recortes retirados dos livros didáticos de Português (LDP) analisados. O objetivo é analisar como dois livros didáticos do 7º ano do Ensino Fundamental abordam o ensino da transitividade verbal. E ao final, discutimos, à luz da gramática contextualizada, como poderia ser o ensino de verbos ou transitividade verbal.

2.1 O *corpus* da pesquisa: o ensino da transitividade verbal nos livros didáticos

Foram utilizados como objeto de análise os livros didáticos do sétimo ano do ensino fundamental: *Português Linguagens*, dos autores William Cereja e Thereza Cochar¹; e *Se liga na língua: Leitura, produção de texto e linguagem* dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi². Para critério de escolha, foram selecionados dois livros didáticos de fácil acesso entre os que estão apresentados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) dos anos de 2019/2020.

Importa ressaltar que, em virtude das restrições impostas por este trabalho de graduação, optou-se por analisar recortes de atividades que envolvem a transitividade verbal. A importância em conhecer e saber usar esse tópico gramatical é essencial para uma boa comunicação oral ou escrita em gêneros mais formais da língua.

2.2 A transitividade verbal na coleção didática *Português Linguagens (2017)*.

O primeiro livro didático a ser analisado é *Português Linguagens*. O livro possui uma capa bem colorida e alegre, tem 256 páginas, é dividido em unidades e

¹ CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens, 7º ano:** língua portuguesa. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

² ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem 7º ano.** São Paulo, Moderna, 2018.

cada unidade é subdividida em capítulos. O tema que vamos abordar se encontra na Unidade três denominada “*Eu e os outros*”. Está no capítulo dois, chamado de “*A alegria do outro*”, com subtítulo “*A língua em foco*”.

O capítulo não inicia o conteúdo conceituando “transitividade verbal”, mas sim com um gênero textual denominado de página de um diário, seguido de duas perguntas. Na primeira pergunta, os autores pedem que os alunos citem quatro ações que o personagem Carlinhos, o dono diário, tenha praticado. Já na segunda pergunta, com o intuito de interpretação do texto, é pedido que os alunos respondam por que o personagem assinou a página do diário como “Carlinhos o ciumento”. Somente depois desses exercícios que os autores começam conceituando sobre a transitividade verbal, objeto direto e objeto indireto, inclusive usam exatamente essas palavras.

Os autores iniciam explicando sobre ações, algo que foi citado na primeira atividade acima. Eles utilizam frases retiradas do diário como exemplo e assim seguem conceituando verbos de ligação, transitividade verbal, objeto direto, objeto indireto. Já para conceituar a predicação das locuções verbais e predicação dos verbos usam duas tirinhas.

Fig. 1: Transitividade verbal

Agora observe os verbos destas duas orações:

Chegou um cara.
Carol organizou uns números.

Na 1ª oração, a forma verbal **chegou** concorda com o sujeito, **um cara**, estando, por isso, na 3ª pessoa do singular. A ação de chegar refere-se apenas ao sujeito, não se estende a outros seres.

Na 2ª oração, a forma verbal **organizou** também concorda com o sujeito (**Carol**) e indica a ação praticada por ele; mas a ação de organizar recai sobre outro ser (**uns números**). Nessa oração, o termo **uns números** completa o sentido do verbo (quem organiza, organiza alguma coisa), tornando precisa a informação. Quando isso ocorre, isto é, quando o verbo de uma oração é acompanhado por um complemento, dizemos que se trata de um **verbo transitivo**.

Assim, concluímos:

Transitividade verbal é a necessidade de ter complemento apresentada por alguns verbos. A esses verbos que exigem complemento chamamos de transitivos e aos que não exigem complemento chamamos de intransitivos.


Observação

A transitividade ou intransitividade de um verbo sempre depende do contexto em que ele está empregado e do sentido que apresenta naquele contexto.

Por exemplo:

Carol **dançou**. (verbo intransitivo)
 Carol **dançou** um balé moderno. (verbo transitivo)

O verbo **dançar**, que é intransitivo na 1ª oração, torna-se transitivo na 2ª oração, pois a ação expressa por ele recai sobre **um balé moderno**.



Compare agora estas duas orações:

No meio da poesia esqueci **uns versos**. A professora de Geografia só gostava **de nós**.

Em ambas as orações, o verbo é transitivo, pois é acompanhado de complementos. Na 1ª oração, o complemento **uns versos** se liga diretamente ao verbo, sem preposição. Nesse caso, dizemos que o verbo é **transitivo direto**, e o seu complemento se chama **objeto direto**. Veja:

No meio da poesia esqueci **uns versos**.

v. transitivo direto OD

Aqui interessa notar que, no item observação, os autores do livro didático mencionam a importância do contexto para determinar a transitividade ou intransitividade de um verbo. Desse modo, eles corroboram o que defendem Cunha e Cintra (2000), sobre a transitividade verbal só ser reconhecida ao se analisar um texto. Jamais de forma isolada.

Em seguida a essa apresentação inicial, os exercícios são iniciados. Os autores trazem, primeiro, o gênero textual poema. O primeiro e o segundo exercício são de caráter interpretativo sobre o texto e sobre a estrutura de um poema. Embora os autores mencionem (em observação) a importância do contexto para perceber a transitividade verbal, conforme mencionamos acima, os exercícios propostos desconsideram completamente o contexto de produção do poema e o poema em si e fixam-se somente em aspectos estruturais, como demonstrado na figura 2.

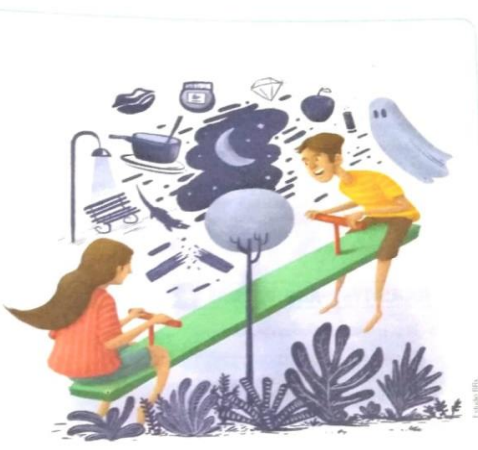
Fig.2: O gênero Poema

EXERCÍCIOS

Leia este poema, de Flora Figueiredo:

Gangorra

Eu namoro a noite,
 você apaga a lua:
 eu perfume o lençol,
 você dorme na rua:
 eu aprumo a estrela,
 você a entorta:
 eu colho a maçã
 você traz a lagarta:
 eu rego o ipê
 você parte o galho:
 eu tempero com sal,
 você talha o molho:
 eu lavo o cristal,
 você trinca a ponta:
 eu adoço com mel,
 você passa do ponto:
 eu beijo na boca,
 você faz de conta.



(Flora Figueiredo. Chão de vento. São Paulo: Geração Editora, 2005.)

- O poema é composto de dísticos, ou seja, de estrofes de dois versos.
 - O que todos os dísticos têm em comum, quanto ao sujeito das orações constituídas pelos versos?
 - Dos sujeitos das orações constituídas pelos versos, qual é o eu lírico? Quem é o interlocutor dele?
- Observe estas ações do eu lírico e de seu interlocutor:

"Eu namoro a noite, você apaga a lua."	"eu rego o ipê, você parte o galho."
---	---

 - Como é a relação entre as ações de um e de outro: de continuidade, de complementaridade ou de oposição?
 - O que essa relação sugere sobre o relacionamento entre o eu lírico e seu interlocutor?
 - Associe o título do poema ao relacionamento entre o eu lírico e seu interlocutor.

169

Fonte: Cereja e Magalhães (2017).

Já no terceiro e quarto exercício (fig.3), são utilizadas estrofes do poema para que os alunos façam a análise gramatical:

Na locução, você dorme na rua, o verbo é acompanhado de uma locução adverbial, na rua? a. Em que outras orações o verbo é seguido de advérbios ou locução adverbial? b. Nessas orações, os verbos são transitivos ou intransitivos? (CEREJA; MAGALHÃES, 2017, p. 169).

No quinto e último exercício, os autores utilizam exemplos de objeto direto para retomar uma pergunta sobre interpretação e sobre o gênero poema: “*namorar a noite*”, “*apagar a lua*”, etc. Conforme podemos ver na figura 3.

Fig. 3: Exercícios sobre transitividade verbal

3. Leia as orações que constituem os dois primeiros versos do poema:

“Eu namoro a noite,
você apaga a lua:”

- a) Nas duas orações, os termos estão na mesma sequência: sujeito + verbo + complemento. Que outras orações do poema apresentam essa mesma estrutura?
b) Nessas orações, o verbo é transitivo ou intransitivo?
4. Na oração “você dorme **na rua**”, o verbo é acompanhado de uma locução adverbial: **na rua**.
a) Em que outras orações o verbo é seguido de advérbio ou locução adverbial?
b) Nessas orações, os verbos são transitivos ou intransitivos?
5. Observe que a ação indicada pelos verbos recai sempre sobre um objeto direto que representa coisas — namorar a **noite**, apagar a **lua**, regar o **ipê**, partir o **galho**, etc. —, nunca sobre pessoas. O que esse aspecto sugere sobre o relacionamento entre o eu lírico e seu interlocutor?

A TRANSITIVIDADE VERBAL NA CONSTRUÇÃO DO TEXTO

Leia estas trovas, de Margarida Ottoni:

Se quiseres conquistar,
deixa o modo imperativo,
e conjuga o verbo amar
com jeitinho indicativo.

Amar, verbo transitivo
que nos altera a razão
faz do sujeito um cativo,
do objeto, o rei da oração.

(*Cantigas do entardecer — Trovas*. Rio de Janeiro: Edições Artesanais, 2001, p. 11.)

cativo: escravo, preso, encarcerado.



1. Trova é o mesmo que quadra, ou seja, é um poeminha formado por quatro versos. De que tratam as trovas lidas?
2. Na primeira trova, brincando com os modos verbais, a poetisa dá um conselho sobre como conquistar: deixar o modo imperativo e amar com “jeitinho indicativo”. Interprete:
a) O que seria conjugar o verbo **amar** de um jeito imperativo?
b) E de jeito indicativo?

170

Fonte: Cereja e Magalhães (2017).

Como podemos ver ainda na figura 3, para finalizar o assunto, o livro nos oferece um novo subtítulo denominado “*A transitividade verbal na construção do texto*”. A base textual utilizada para atividades mais uma vez é um poema, mas

agora um novo tipo: a trova. O exercício de número um é relacionado ao gênero textual apresentado. O exercício de número dois tem as letras A e B; nas duas letras os autores propõem que os alunos conjuguem o verbo amar nos modos imperativo e indicativo.

Como apresentado nas imagens acima, a maioria das atividades analisadas partem de um texto como base para “contextualizar” o exercício. É importante notar, que, embora os exercícios pontuem aspectos do gênero utilizado e retirem do texto frases para explorar o aspecto da transitividade verbal, em nenhum momento percebemos a atenção aos aspectos essenciais relacionados à enunciação, ou seja, às intenções do enunciador do texto ao produzir seu texto. Por exemplo, questões que levem o estudante a refletir acerca do contexto de produção: quando esse texto foi produzido, onde foi publicado, por que as pessoas produzem esse gênero, etc. Além disso, o fato de estar contextualizado somente no texto lido em sala não quer dizer que faça parte da realidade do aluno.

Percebemos que a questão de número 4, da alternativa b, da página 170 (Fig.3), referente ao poema, busca apenas identificar se o verbo é transitivo ou intransitivo. No caso o verbo é transitivo, no entanto não permite que o aluno faça uma reflexão sobre isso. Sendo assim, uma questão meramente objetiva. Assim, o aluno não consegue inferir a importância da transitividade verbal dentro de um texto ou também na produção escrita do mesmo. Assim, Antunes (2014. p. 45) pontua acerca de exercícios não contextualizados:

[...] a suposta exploração da teoria gramatical cegou completamente professor e alunos para o mais importante: o que era dito; em referência a quê; com que sentidos; com que intenções; a quem etc. etc. (ANTUNES, 2014, p.45)

Já na questão de número 2, da mesma página (Fig.3), há um trocadilho com o verbo amar. A alternativa “a” da mesma questão solicita que o aluno interprete o que seria conjugar o verbo amar no imperativo, para que ele perceba a ideia de ordem, fazendo uma exigência de “amar”. Já na alternativa “b” pede que ele pense sobre o verbo no indicativo, tendo como interpretação que o “amar” deve ser com convicção, certeza do sentimento. Logo, essas questões estão em acordo com o que preconiza Antunes (2014), permitem uma reflexão sobre como as duas formas de conjugação

verbal, imperativo e indicativo, mudam o sentido do mesmo verbo dentro da trova. Podemos ainda retomar aqui fala de Cunha e Cintra (2000. p. 100) referente à análise da transitividade verbal: “o mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente”.

2.2 A transitividade verbal na coleção didática *Se liga na língua: Leitura, produção de texto e linguagem (2018)*.

O segundo livro a ser analisado é *Se liga na língua: Leitura, produção de texto e linguagem*. O próprio título do livro já busca uma reflexão, chamando a atenção do leitor para a língua. Afinal, conforme menciona Antunes (2014), estudar a língua é estudar texto. O livro também possui uma capa colorida, mas um pouco mais chamativa que o primeiro livro analisado e tem 288 páginas. Diferente do outro livro, esse é dividido em cinco títulos, dentro de cada título há subtítulos e ele tem mais páginas que abordam o assunto objeto de análise deste trabalho: a transitividade verbal.

Na página 199, os autores já começam conceituando sobre o predicado verbal. Depois apresentam um poema e, em seguida, são feitas perguntas sobre o gênero textual utilizado. Agora vamos à análise das perguntas.

A primeira pergunta já infere que o poema apresenta mais de uma voz e questiona como o leitor pode identificar os interlocutores. Espera-se que o aluno identifique o uso do travessão como sinal de alternância de vozes. Já a segunda pergunta busca detectar os períodos do verso, simples ou composto. Por fim, na última pergunta, de caráter interpretativo, busca analisar o posicionamento do Eu lírico sobre os sentimentos.

Fig. 1: Predicado verbal

Predicado verbal

Em sua palestra, a diretora Mara Mourão falou de sua carreira: “[...] eu sou cineasta, dirigi vários filmes ee... comecei dirigindo comédias”. Esse período é composto por três orações coordenadas: embora formem juntas a informação transmitida no período, elas têm autonomia, ou seja, nenhuma depende de termos contidos em outra para estar completa.

Você já estudou que as orações são compostas pelo predicado, sempre obrigatório, e pelo sujeito. Sabe também que o predicado é organizado em torno do verbo. Nesta seção, aprofundará esses estudos para perceber, por exemplo, que *sou*, na frase de Mara, forma um tipo de predicado diferente daquele produzido por *dirigi*. A natureza dos verbos interfere nas demais relações sintáticas.

Pra começar

Leia um poema do escritor gaúcho Mario Quintana.

Simultaneidade

- Eu amo o mundo! Eu detesto o mundo!
 Eu creio em Deus! Deus é um absurdo!
 Eu vou me matar! Eu quero viver!
 – Você é louco?
 – Não, sou poeta.

IR: TANIA FRANCO CARVALHAL (Org.).
 A cor do invisível. São Paulo: Globo, 2005. p. 83.
 (Coleção Mario Quintana). © by Elena Quintana.

- 1 Esse poema apresenta mais de uma voz. Como o leitor reconhece a alternância dos interlocutores?
Os travessões marcam essa alternância.
- 2 A primeira fala apresenta três versos com a mesma estrutura. Quantos períodos há em cada um? São simples ou compostos?
Cada verso possui dois períodos simples.
- 3 É correto afirmar que, nos três primeiros versos, o eu poético apresenta uma opinião inicial e, em seguida, muda de ideia? Por quê?
Não. O título já define que seus sentimentos contraditórios são simultâneos, isto é, ele os tem ao mesmo tempo.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Na página 200, as perguntas continuam. Somente as perguntas de número 5 e de número 6 são sobre sintaxe. Utilizando de versos do poema, o autor introduz o assunto do predicado verbal e faz uma breve explicação sobre o assunto. No final da página, começa o tópico chamado *Verbo transitivo e intransitivo*, o autor disponibiliza uma tira.

Fig. 2: Exercícios e verbo transitivo e intransitivo

- 4 Segundo o eu poético, qual é a característica do poeta? *Ser contraditório.*
- 5 Transcreva as formas verbais do poema. *Amo; detesto; orno; é; vou (me) matar; quero viver; é; sou.*
- 6 Quais dessas formas verbais não indicam ação? *É; sou.*

Você já sabe que os verbos flexionam-se em pessoa, número, tempo e modo. Eles expressam processos situados no tempo: antes do momento da fala, no mesmo momento que ela ocorre ou depois dela.

Do ponto de vista do sentido, tais processos referem-se a situações diferentes. Compare.

"Eu amo o mundo!"	<i>Está chovendo muito.</i>	"Você é louco?"
"Eu quero viver!"	Não <i>ventou</i> ontem.	Ela <i>estava</i> triste.
<i>Recolhi</i> as folhas.	<i>Deve nevar</i> em Londres.	Pedro <i>continuava</i> doente.

Nas orações da primeira coluna, o verbo expressa uma **ação**; na segunda, um **fenômeno da natureza**; na terceira, um **estado**.

Essas diferenças são responsáveis pela classificação dos predicados. Os verbos que expressam ação ou fenômeno natural formam o **predicado verbal**, enquanto os verbos que expressam estado formam o **predicado nominal**.

No predicado nominal, uma característica é atribuída ao sujeito com a ajuda do verbo. Veja.



O **predicado nominal** e o **predicado verbo-nominal** (que mescla o verbal e o nominal) serão estudados posteriormente.

Verbo transitivo e intransitivo

Leia uma tirinha de Fernando Gonsales.



FERNANDO GONSALES. Niquel Náusea: siga seus instintos. São Paulo: Devir, 2013. p. 34.

200

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Na página seguinte à apresentação a tira, seguem seis exercícios. Os quatro primeiros de caráter interpretativo sobre a tira, e os demais referentes à área da morfossintaxe, sobre período simples, composto e sujeito. Os exercícios são os seguintes:

Fig. 3: Exercícios sobre a tira

- 1** Na tirinha são retomados personagens da literatura infantil. Quais são eles? *Pinóquio e o Grilo Falante.*
- 2** Que diferença existe entre a representação tradicional do personagem e a figura que está sentada na poltrona, feita pelo cartunista? *Tradicionalmente, Pinóquio é um menino, enquanto o personagem de Gonsales é um homem.*
- 3** A narrativa retomada condena um comportamento. Como essa ideia é apresentada na tira? *O Grilo Falante repreende Pinóquio por mentir, mantendo a mesma moral da história original.*
- 4** Por que o motivo citado por Pinóquio para justificar seu comportamento provoca humor? *Porque a razão é banal; ele apenas quer que o nariz cresça para usá-lo no lugar do controle remoto que quebrou.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Podemos observar que os 4 exercícios são interpretativos, levando o aluno a analisar o conteúdo da tira. O exercício 1 solicita que o aluno indique os personagens da tira; o número 2 refere-se à representação do personagem; Já os números 3 e 4 abordam a questão sobre o comportamento do Pinóquio, de sempre mentir, e como isso gerou humor na tira. Notamos também nessa coleção, que o texto não é explorado em sua função comunicativa. Não se explora, por exemplo, as relações de intertextualidade entre a tira e a história de Pinóquio, ou o contexto de produção desses textos. Parte-se do pressuposto que esse seria um conhecimento prévio dos estudantes.

Agora, sobre os demais exercícios que são referentes à morfossintaxe, temos:

Fig. 4: Exercícios sobre morfossintaxe

- 5** Observe os períodos que compõem as falas. São simples ou compostos? Por quê? *São simples, porque contêm apenas um verbo.*
- 6** Em um dos períodos da tirinha o sujeito não está explícito, sendo visto apenas o predicado. Qual é esse período? *"Não gosto de doce."*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Na questão 5, o autor solicita que o aluno identifique os períodos presentes nas falas do personagem e indique se são simples ou compostos e justifique. Nas falas do personagem há apenas um verbo por período. O objetivo da atividade é possibilitar o aluno compreender que os períodos simples só contêm um verbo, ao contrário dos períodos compostos. Percebemos novamente que não se explora a

diferença que isso pode fazer no contexto de produção das tiras em geral e dessa em particular, isto é, qual a função desse aspecto gramatical para o texto, conforme defende Antunes (2014). Por fim, na questão 6, o aluno precisa identificar em qual dos períodos presentes na tira há a presença do sujeito oculto. Também é uma questão bem objetiva e não estimula explorar os motivos prováveis dessa escolha do autor da tira.

Por meio dessas questões, o aluno pode ser levado a identificar os verbos de ação e com isso o autor conceitua predicado verbal. Pode identificar também o sujeito. Os autores trazem ainda uma explicação de que os verbos que precisam de complemento são verbos transitivos. Em seguida, utilizam mais duas frases para explicar os verbos transitivos indiretos. Como podemos ver na figura a seguir:

Fig. 5: Explicação sobre verbos transitivos e intransitivos

Reprodução proibida. Art. 184 e Código Penal e Lei 9.911 de 19 de fevereiro de 1999.

Todos os verbos da tirinha são **verbos de ação**; por isso, em torno deles se organizam **predicados verbais**. O predicado pode ser composto apenas pelo verbo, como acontece na última oração, ou conter outras palavras, que funcionam como complementos ou acessórios.

Acompanhe a análise para compreender essa diferença.

de quê?
 "Não **gosto** de doce!"
 predicado

o quê?
 "Eu **nunca assalto** a geladeira!"
 sujeito predicado

Nas duas orações acima, os verbos preveem complementos, por isso são chamados de **verbos transitivos (VT)**. Veja agora duas construções diferentes.


Quebrou o controle remoto!
 predicado sujeito

Por que **você está mentindo** depois de velho?
 predicado sujeito predicado

Na primeira oração, o verbo **quebrar** (forma verbal **quebrou**) está sozinho no predicado. Ele não precisa de complemento.

Na segunda oração, o verbo **mentir** (locução verbal **está mentindo**) vem acompanhado por uma circunstância de tempo (**depois de velho**), que compõe a ideia transmitida pelo enunciado, mas não foi exigida pelo verbo; ela é acessória.

Os verbos que não exigem complementos são chamados de **verbos intransitivos (VI)**.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Os autores do livro apresentaram diversos exercícios sobre o tema transitividade verbal e demais complementos. Como objetivo desta pesquisa é analisar apenas alguns recortes sobre o assunto, selecionamos os seguintes exercícios:

Fig. 6 e 7: Exercícios

- 2** Leia um trecho do diário de uma adolescente que viveu em Diamantina (MG) no final do século XIX.

.....
Segunda-feira, 20 de novembro

Hoje tive uma alegria enorme depois de uma semana de raiva. Vovó está passando uns dias na casa de tio Geraldo, que adoeceu. Eu tenho que ir todo dia tomar-lhe a bênção. Se falhar um dia que seja, o céu vem abaixo.

Estou com umas botinas cheias de pregos, que têm ferido o pé e não me deixam andar direito. Fui à casa de meu tio mancando. Vovó ficou incomodada e só falando naquilo, tomou as botinas e mandou bater os pregos, mas não melhoraram. Eu tenho voltado todos os dias mesmo assim. Que poderia fazer? Vovó sempre incomodada e meus primos ricos sempre a falarem: “É só para a senhora ficar com pena e lhe dar outra, vovó!”

HELENA MORLEY. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 105-106.
.....

204

- e) Retome um dos períodos produzidos por Helena, na página de diário reproduzida na atividade anterior:

“É só para a senhora ficar com pena e lhe dar outra, vovó!”

- Qual é a função sintática de *lhe*? Como se classifica o verbo *dar* nesse período? *É objeto indireto. O verbo é transitivo direto e indireto (VTDI).*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

A atividade 2 solicita que o aluno leia um trecho do diário de uma adolescente e a alternativa “e” aborda o assunto transitividade verbal. Assim, a alternativa ‘e’ pede que o aluno indique a função sintática de “*lhe*” e classifique o ver “*dar*” tocante à transitividade. Com isso, pode-se perceber que a atividade é objetiva, ela busca apenas induzir o aluno a responder sobre a função sintática dos componentes

apresentados e a transitividade do verbo. Não há uma reflexão sobre a função dos mesmos dentro da frase. Conforme Antunes (2014. p. 42):

O termo 'gramática contextualizada' veio, assim, como uma espécie de acordo: a gente recorre ao texto, mas garantindo a manutenção dos mesmos programas e dos mesmos procedimentos do estudo da gramática. Grande parte dos livros didáticos – mesmo alguns dos mais atuais – ainda se pautam por esse critério. (ANTUNES, 2014, p.42).

A partir disso, pode-se inferir, diante do exposto, que ambas as coleções analisadas se utilizam de gêneros discursivos como base para uma contextualização dos exercícios de transitividade verbal, no entanto não possibilitam uma maior reflexão sobre o ensino da transitividade verbal e a necessidade de entender esse tópico nas diversas situações de uso da língua em nosso dia a dia. As questões são, em sua maioria, objetivas; o conceito de transitividade não é trazido para a realidade deles discutindo a importância desse tópico para a compreensão efetiva dos diferentes gêneros de textos que produzimos e com os quais interagimos diariamente.

Fig. 8 e 9: Exercícios

- 4** Leia o verbete sobre a Távola Redonda, mesa famosa entre os apreciadores das histórias do rei Artur e da rainha Guinevere.

A Távola Redonda: O presente de casamento que o rei Leodegrance, pai de Guinevere, deu para o seu genro; Leodegrance, por sua vez, o recebera de Uter Pendragon, pai de Artur. Cento e cinquenta cavaleiros podiam sentar ao redor dela ao mesmo tempo, portanto a mesa devia ser enorme. Cada cavaleiro recebia seu assento especial, e alguns lugares permaneciam vazios até que seus donos viessem tomá-los. Havia, por exemplo, um assento bem à direita do rei, conhecido como Assento Perigoso, que permanecia vazio. Quando lhe perguntaram o motivo daquilo, Merlin respondeu que “apenas um homem pode sentar ali, e ele será o melhor homem do mundo. Se qualquer outro tentar tomar o seu lugar, morrerá imediatamente!”. O homem que foi capaz de sentar-se ali em segurança demorou vinte anos para aparecer!

MARGARET SIMPSON. *Dez mais: lendas do rei Artur*. Trad. Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 26-27.

- d) Na oração "Quando *lhe* perguntaram o motivo daquilo", que termo é substituído por *lhe*? Qual é a função sintática desse pronome? *Merlin; objeto indireto.*
- e) Como se classifica o verbo *perguntar* nesse período? Explique sua resposta. *É um verbo transitivo direto e indireto (VTDI), que tem como objeto direto o motivo daquilo e como objeto indireto *lhe*.*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018).

Já na atividade 4, selecionamos as atividades 'd' e 'e' para análise. A atividade inicia-se com a leitura de um verbete sobre a *Távola Redonda*. Na atividade 'd', solicita que o aluno identifique na frase dada qual é o termo que foi substituído pelo pronome oblíquo 'lhe', no caso a resposta é Merlin. E também qual é a função sintática do mesmo: objeto indireto. Com isso, a atividade exige que o aluno saiba o que é objeto direto e indireto e função deles na frase. Mais uma vez percebemos que ainda predomina um exercício meramente objetivo. Antunes (2014, p. 45) faz duras críticas a esses tipos de exercícios, como foi supracitado anteriormente.

Por fim, na atividade "e" há a abordagem sobre transitividade verbal e, também, sobre o objeto. O exercício solicita que o aluno classifique o verbo "*perguntar*" no período "*Quando *lhe* perguntaram o motivo daquilo*" – e também explique a resposta dada. Nesta atividade, há possibilidade de uma reflexão sobre a transitividade do verbo dentro do período apresentado. No entanto, só isso acaba por ser uma falsa contextualização como defende Antunes (2014).

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, investigamos o ensino da transitividade verbal de forma contextualizada nos livros didáticos do Ensino Fundamental (7º ano) das coleções *Português Linguagens* (2017) e *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagens* (2018). Especificamente apresentamos considerações sobre o uso da transitividade verbal em duas gramáticas normativas e fizemos um levantamento do ensino da transitividade verbal em cada um dos livros didáticos supracitados a fim de avaliar se esse ensino é proposto de forma contextualizada para o aluno ou não.

Os resultados das análises dos livros didáticos mostram que nenhuma coleção contempla o ensino da transitividade verbal de forma contextualizada. Em todas as atividades analisadas, percebemos que há um gênero textual como base para o exercício proposto, no entanto o tema é tratado de forma sucinta e objetiva. Sendo assim, as atividades não propiciam uma reflexão efetiva sobre o funcionamento da língua em diferentes gêneros textuais e contextos, ou seja, não proporcionam um ensino contextualizado de gramática.

A verdadeira gramática contextualizada precisa fazer sentido ao aluno, relacionar o que ele aprende em sala de aula à vida real dele. Utilizar-se de textos do seu cotidiano, por exemplo. Na verdade, é o professor que conhecendo a teoria da gramática contextualizada poderá fazer toda a diferença para o ensino de língua e de gramática na escola, ainda que o material didático que ele tenha disponível não seja o mais adequado. O professor pode, por exemplo, em aulas dialogadas, em que o estudante produza seus próprios textos referentes ao cotidiano dele, mostrar ao aluno, em sua própria produção, a função de entender a transitividade verbal. Ou seja, mostrar ao discente o funcionamento real da língua e as muitas funções que ela tem em nosso dia a dia.

Para finalizar, acreditamos que resultados desta pesquisa podem contribuir para futuras reflexões acerca do ensino de gramática sobretudo a partir deste período atual que estamos vivenciando e que nos obriga a uma revisão mais do que necessária sobre o que é essencial levar para sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 46.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CUNHA, Celso &
Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**.
ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CINTRA,
2ª

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.